

## A MITOLOGIA UMBANDISTA

Antonio Talora DELGADO SOBRINHO \*

---

*RESUMO: Levantamento e sistematização da rica mas dispersa mitologia umbandista, procurando elementos para sua interpretação.*

*UNITERMOS: Umbanda; quimbanda; exu; orixá; monoteísmo; morte; variola; Deus; diabo.*

---

A mitologia umbandista encontra-se ainda dispersa e desorganizada, apresentando-se diluída em vários escritos de cunho doutrinário e muitas vezes exposta de maneira confusa, contraditória e até mesmo preconceituosa.

Já se afirmou que a Umbanda é uma religião Monoteísta (4:85-96), embora alguns estudiosos, levados por motivos que não cabe discutir, tenham afirmado a existência de um caráter politeísta (7:120,124). Esses autores ou estudiosos na realidade deixaram-se levar por caracteres externos e superficiais da religião. Nota-se uma conclusão falsa pela falta de maior perspicácia na análise de determinados elementos intrínsecos da religião.

Para os Toruba, Deus é Olorum, o incriado, o que tudo pode, identificando-se com a abóbada celeste.\*\*

Morava então, segundo o mito, bem próximo dos homens, observando suas atitudes. Mas os homens acendiam fogueiras à noite cuja fumaça perturbava Olorum, que foi obrigado a mudar sua residência para local ignorado e distante dos homens para não ser perturbado por estes. Ao se retirar, porém, determina que

certas “entidades” (os Orixás) ficariam próximas aos homens para assisti-los e orientá-los em suas necessidades. Aruanda passou a ser assim a morada dos Orixás e espíritos benfazejos que assistem, protegem e ajudam os humanos; suspeita-se que a palavra Aruanda seja uma corruptela de Luanda (cidade africana). Como se nota, Olorum está distante dos homens e não requer um culto especial, nem súplicas humanas, pois é aos Orixás que se deve rogar. O culto deve ser dirigido aos Orixás e não a Olorum, Zambi ou Mawu. Um folclorista (10:129) afirma que houve época em que Olorum foi confundido com o Deus dos Cristãos, havendo quem o chamasse de “Padre Eterno” ou “Deus do Céu”, porém vai sendo gradativamente esquecido.

O Orixá da Criação é Obatalá, o céu, que casando-se com Odudua, a terra, tem dois filhos, Aganju (a terra) e Iemanjá (a água). Do barro modela o homem, mas num dia de bebedeira, cria também os aleijados, os cegos e os albinos. Todo criador não faz apenas coisas boas, mas coisas imperfeitas também, segundo a mitologia africana (6:91).

---

\* Departamento de Antropologia, Política e Filosofia — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araraquara — SP.

\*\* Recebia outros nomes, dependendo da origem africana dos escravos, assim é o Zambe ou Nzambi dos bantos; Mawu dos jejes; Zambi-a-pungu dos congoleses. São na realidade sinônimos para a mesma divindade.

Do casamento de Iemanjá com Aganju (água e terra) nasce Orungan identificado como o Édipo africano, pois, apaixonando-se por Iemanjá, sua mãe, a persegue insistentemente.

Aproveitando-se da ausência paterna, Orungan violenta Iemanjá, após ela cair de cansaço. A seguir Iemanjá morre, seu corpo dilata-se e de seus seios enormes brotam duas correntes de água que se reúnem mais adiante formando um grande lago. De seu ventre entumescido, nascem os seguintes Orixás:

- a) Xangô (do trovão);
- b) Ogum (da guerra);
- c) Xapanã (da varíola);
- d) Oxoce (dos caçadores);
- e) Oxum (das fontes e regatos);
- f) Obá (do rio Obá);
- g) Oiá (do rio Niger).

Assinale-se que há distinções quanto ao nascimento (aparecimento) destes Orixás, dependendo da via por que entraram no Brasil. Assim, com relação a Xangô há várias lendas sobre sua ascensão a Orixá porque ele é um dos Orixás constante em todos os grupos étnicos africanos que vieram para o nosso país, sugerindo por isso certa confusão sobre ele. Seu nome é variável, sendo chamado por alguns de Dzacuta ou Jacutá (o atirador de pedras), para outros é Hevioso ou Kebioso (o trovão).

Outro mito apresenta Xangô como filho de Obatalá que se casou com suas três irmãs: Oxum, Obá e Oiá (Iansã). Certo dia Xangô obteve de seu pai um poderoso encanto que comeu juntamente com sua mulher Iansã (Oiá). No dia seguinte, ao falar aos chefes, Xangô provocou a fuga de todos eles, pois brotava fogo de sua boca.

Xangô, convencido de que era um Orixá, chama as três mulheres, bate os pés no chão que se abre para recebê-los. Desde então foi elevado à categoria de Orixá.

Em uma variante deste mito, Iansã rouba o segredo do "encanto" e refugia-

se na casa de um pescador a quem ensina o segredo com a concordância de defendê-la da ira do esposo. Há um combate entre Xangô e o pescador, sendo Xangô derrotado. Humilhado com a derrota, desaparece nas entranhas da terra. Destaque-se ainda que em outra variante Ogum, o Orixá da Guerra e dos ferreiros, rapta Iansã.

Quando em um terreiro de Candomblé surgem Iansã, Ogum e Xangô é inevitável o duelo dos Orixás masculinos (Ogum com sua espada e Xangô com seu machado de duas lâminas). Assim, o Terreiro guarda resquícios da animosidade entre Xangô e Ogum. Iansã tornou-se o Orixá dos ventos e tempestades complementando as atividades do esposo, Xangô (Orixá do raio e do trovão). Há então uma perfeita junção entre ambos, embora se tenham separado. Isto parece reforçar a hipótese do roubo do "encanto" do marido.

Um outro mito com relação a Xangô afirma ter sido ele rei de Oiô, capital de Toruba. Com o passar do tempo, torna-se um rei tirano, despótico e cruel. O povo o intima a deixar o poder e sair do palácio com suas mulheres e filhos. Diante de sua recusa há uma rebelião popular que o destrona. Foge para Tapa, terra de sua mãe, acompanhado de um escravo e de uma de suas esposas, Iansã, que logo a seguir o abandona no meio da floresta. Xangô, desgostoso, enforca-se num galho, a notícia chega a Oiô e o povo vai procurá-lo na floresta, nada encontrando. Ouviram, porém, das profundezas da terra sua voz soturna. Foi erguido um templo no local e muitos gritavam na volta que Xangô não morrera, mas tornara-se um Orixá. Diante da incredulidade da maioria, Xangô manda uma violenta tempestade sobre a capital e que faz todos crerem na sua nova condição.

Há ainda outros mitos que o apresentam como um valente guerreiro Toruba que por suas qualidades pessoais vai gradativamente assumindo o poder até

tornar-se rei de fato, enquanto o verdadeiro rei passa a ser mera figura decorativa.

Muitos jovens de povos vizinhos dirigem-se para Toruba para aprender com Xangô as artes marciais. Ele ensina a todos de bom grado, porém, dois dentre estes, pelo seu destaque, começam a rivalizar com Xangô em prestígio. Xangô tenta matá-los, não consegue e sentindo-se desmoralizado foge para a floresta, onde a terra abre-se a sua frente e, numa nuvem de fumaça e fogo, é “devorado” pela terra. Imediatamente há uma tempestade com raios e trovões, que faz os presentes atemorizados, reverenciá-lo como Orixá.

Como se pode notar, ao que tudo indica, Xangô é um herói mítico não só dos Toruba, mas de todos os povos africanos. Seu fetiche é a pedra de “raio” (machado lítico), sendo provavelmente um dos Orixás mais primitivos e que pela sua importância (o temor do raio) manteve seu culto aceso até os dias atuais. Por analogia é chamado o Orixá da Justiça, sendo comum justapor-se a seu nome o designativo “da Lei” (Xangô da Lei). Foi sincretizado com São Jerônimo do Catolicismo, que é representado, nos ídolos, como um velho de barbas brancas, sentado numa pedra ao lado de um leão, tendo às mãos um manuscrito. É comum também esse manuscrito trazer grafado a palavra latina “Lex”. Não se deve esquecer que na mitologia grega Zeus usa os raios forjados por Hefáistos para fazer justiça, a “diquê” de Zeus.

Xangô representa acima de tudo o culto litolátrico, embora por suas ligações com Oxum (inicialmente a Vênus africana) fosse considerado por muitos como um Orixá Fático, característica que foi perdendo gradativamente a partir do momento que Oxum e Iemanjá vão se tornando “madonas” nos moldes católicos.

O falismo ou culto fálico transferiu-se quase que totalmente para Exu e Pomba-Gira (Exu fêmea), sendo esta por tradição

a mulher de sete Exus, quando encarnada foi prostituta. Apresenta-se nos terreiros com grande lascívia e obscenidade. Faz gestos libidinosos, convida os homens para com ela irem à cama, tenta apalpá-los e, quando repelida ou admoestada, diz palavras e profere ameaças. Há necessidade de um cambono bastante experiente para controlá-la durante as sessões, o mesmo podendo acontecer com outros Exus: Seu comportamento ainda tem muito sentido num mundo cheio de tabus e preconceitos com relação ao sexo. Já se afirmou que Exu é Dionísio na sua luta contra Apolo, aqui no caso, Quimbanda contra Umbanda, ou melhor ainda Exu versus Orixá (8:89). É a luta da natureza contra a cultura, assumindo uma forma de contra-cultura (8:39). Não se deve aqui considerar Exu, entidade malévola como queriam os catequistas no processo de conversão dos negros ao catolicismo, isto porque, conforme já se assinalou, na Umbanda não há dois princípios rígidos, o bem e o mal, que se manifestam mesclados e intercalados. A afirmação de que o Orixá faz somente o bem e o Exu somente o mal é algo que não condiz com a religião e a filosofia africanas. Exu é o brado de revolta do negro dominado e oprimido e que deseja a liberdade em todos os aspectos (8:93), enquanto que o Orixá é o negro dominado, o animal doméstico, que conheceu o seu lugar conforme a ideologia da dominação. É o Pai João, preto bom, de alma branca, quase que uma exceção entre os negros “boçais”, “malvados” e “feiticeiros” que viviam pelo nosso país, segundo evidentemente a opinião da maioria da elite da época da escravidão. Assim, enquanto Pai João é bom e obediente aos olhos do branco, porque pratica a Umbanda e não se revolta, o negro quimbandeiro é visto como mau e vingativo, é enfim o quilombola, o rebelde que deve ser reprimido com todas as forças. Isto parece ser suficiente para mostrar por que a Quimbanda é perseguida e reprimi-

da mesmo na atualidade. Ela pode despertar a consciência crítica não apenas no negro, mas também em todos aqueles que são explorados e colocados à margem da sociedade da “abundância”.

Há um mito recolhido por Mucci (9:62-63) e por Bastide (3:209, 217) com relação a Exu que parece afastar qualquer possibilidade de sua identificação com o Diabo Católico que é o seguinte:

“O Rei do Congo” tinha três filhos, Xangô, Ogum e Exu. Este último não era exatamente um mau rapaz, mas era retardado e por isso mesmo turbulento, brigão e lutador. Depois de sua morte, sempre que os africanos faziam um sacrifício aos espíritos, ou celebravam uma festa religiosa, nada dava certo; as preces dirigidas aos Orixás não eram ouvidas; os rebanhos foram dizimados por epidemias; as colheitas secaram sem produzir frutos, os homens caíam doentes. Que tabu teria sido violado? O Babalaô consultou os “obis” e estes responderam que Exu tinha ciúmes, querendo sua parte nos sacrifícios. Como as calamidades não cessaram, continuando a assolar o país, o povo voltou a consultar o “Babalaô”. Mais uma vez tiraram a sorte e a resposta não tardou a vir: “Exu quer ser servido em primeiro lugar — mas quem é esse Exu?” — “Como? Não vos lembrais mais dele?” — “Ah, sim, aquele pretinho tão amolante”. — “Exatamente esse”. E foi assim que dali por diante, não se pôde fazer nenhuma obrigação, nenhuma festa, nenhum sacrifício sem que Exu fosse servido em primeiro lugar. Estava assim estabelecido o padê de Exu realizado tanto nos Terreiros Umbandista quanto nos de Candomblé”.

Para reforçar o mito, segundo a tradição Ioruba, Exu é um Orixá brincalhão, algumas vezes até mentiroso, mas possui sobretudo um apurado sentido de justiça. Para se entender esse “sentido” é preciso conhecer as determinantes e variáveis que interferiram na formação do mesmo, isto

é, toda a tradição de uma cultura africana, o processo de dominação escravista e a interferência de outros elementos culturais (cultura indígena e cultura popular européia). Dentro desse quadro torna-se mais fácil entender o que é justiça para Exu.

Por que então o sincretismo com o Diabo Católico? As causas são variadas, embora suas raízes estejam contidas no processo de conversão dos negros ao Catolicismo. É sabido que os jesuítas tinham o hábito de chamar de demônios todas as divindades estrangeiras (que estão fora do panteão de Roma). Assim Jurupari, Anhangá e Exu que não são passíveis de identificação com santos católicos romanos passam a ser pejorativamente chamados de demônios. Ora, diabo ou demônio é uma entidade com características bem definidas e estudadas. É o oposto de Deus, suas obras são malignas, ele vive procurando perder o homem. Enfim Diabo é antítese de Deus, é a encarnação de toda a maldade existente. O raciocínio católico no caso assenta-se no maniqueísmo, a existência de dois princípios rígidos, em luta constante: o bem e o mal. Deus é somente bondade, portanto não pode realizar obras más, enquanto que o Diabo é mau e, portanto, não pode realizar obras boas. No processo de conversão pretenderam os jesuítas, acima de tudo, transpor para o africano a dualidade (bem versus mal) que ele desconhecia. Procuraram mostrar aos escravos que Olorum, Zambi, Mawu etc ... eram nomes diferentes para o Deus Católico, enquanto que Exu, Segba, Bara etc ... eram denominações diferenciadas mas sinônimas para o Diabo Católico.

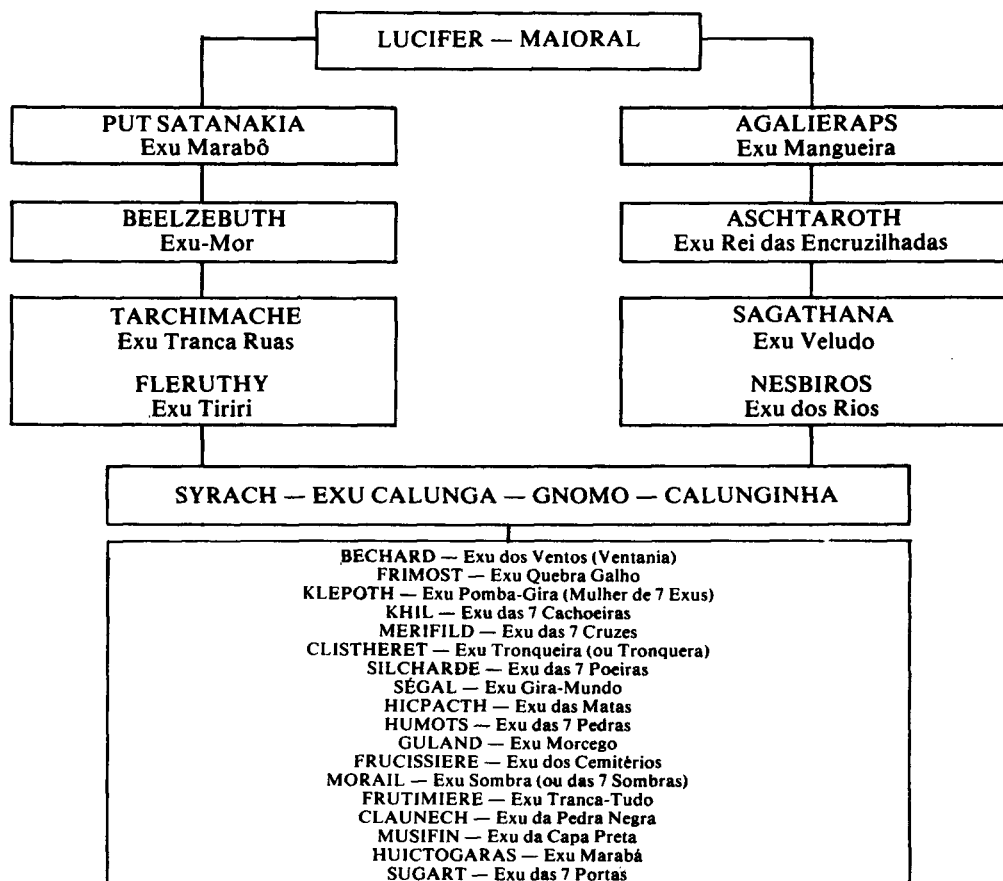
A colocação é tendenciosa e visava sobretudo a conversão do negro ao catolicismo, embora a própria Igreja tivesse dúvidas quanto a possibilidade do negro possuir alma. O resultado prático desse processo de aparente conversão foi o estabelecimento de confusões, algumas das

quais persistem até a atualidade. Assim, por exemplo, em muitos terreiros baianos Exu é Santo Antônio, o mesmo acontecendo em alguns templos de Porto Alegre, do Rio de Janeiro e até mesmo no exterior (Cuba e Haiti). Em Recife, por exemplo, Exu pode ser: O Diabo Católico, São Bartolomeu, o Anjo Rebelde ou ainda São Gabriel; em alguns terreiros de Porto Alegre ele é São Pedro (o portador da chave do Paraíso, portanto dono da Estrada), o mesmo sincretismo aparecendo em alguns templos da Santeria Cubana (2:364-365).

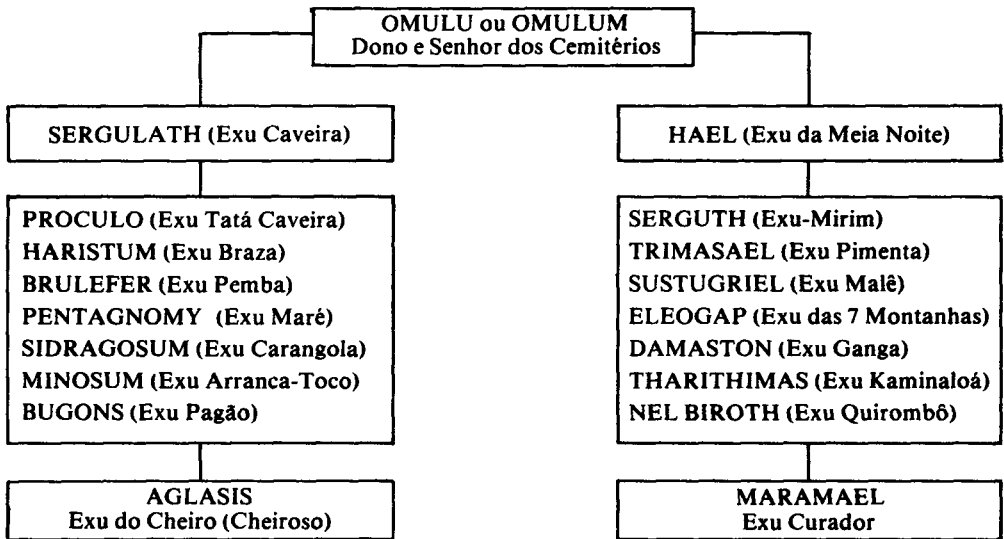
Mais recentemente alguns umbandis-

tas conseguiram confundir ainda mais as coisas apontando a identificação do Exu com o Diabo Católico (5:40), outros criaram uma hierarquização de diabos e, talvez o que seja mais sério, procedendo a uma identificação de demônios bíblicos e medievais com inúmeros Exus. Assim Exu Maioral passou a Lúcifer, Exu Mor passou a ser Belzebu (divindade filistéia). Exu Mangureira passou a ser Agalieraps, Exu Rei das Sete Encruzilhadas passou a ser Astharat etc ... Criaram também um organograma dessas entidades mostrando a funcionalidade da Corte Infernal:

1 — ORGANOGRAMA DOS EXUS SOB O COMANDO DO MAIORAL



2 — ORGANOGRAMA DOS EXUS SOB COMANDO DE OMULU



Referindo-se à palavra Exu, Fontenelle afirma (5: 81,86):

“Por desconhecer completamente qualquer livro ou tratado que esclarecesse ao público o que de fato existe nas diversas práticas do Espiritismo sobre as entidades do mal que com a denominação de ‘EXUS’ (nas Leis de Umbanda e Quimbanda), representam o que os Católicos, Protestantes etc. denominaram de Demônios ou Anjos Maus, e que na doutrina de Kardec são chamados Espíritos do Mal (também conhecidos como espíritos obsessores), invocados nos trabalhos de Magia Negra; resolvi tornar pública mais esta obra, verdadeiramente completa, sobre tudo quanto diz respeito a essas entidades...”

... Orientado em grande parte pelos meus Guias Espirituais, pelos próprios Exus, e ainda aliado ao meu profundo conhecimento sobre a Magia, como sacerdote que sou dos diversos cultos da Umbanda, além de conhecedor real de todas as práticas que se exercem nos diversos ‘terreiros’ onde se praticam os ‘Batuques’,

‘Candomblês’, ‘Cangerê’ etc., posso perfeitamente, como catedrático do assunto, mostrar-lhes o que é verdadeiramente um EXU...

... A palavra EXU nunca veio do latim e nem tão-pouco se originou de qualquer língua africana, bantu, gegê, ameríndio etc. Essa palavra foi pronunciada por Deus na língua Ijudice (língua dos espíritos) quando na ocasião da revolta havida nos páramos celestiais, entre os anjos que faziam parte da Suprema Corte do Céu, Lúcifer, o anjo belo, pretendendo a supremacia dos direitos que lhe outorgara o Criador, como chefe de seus subordinados, julgou-se no direito de ser maior que o próprio Deus.

Por essa ocasião, foi-lhe imposta a necha de ‘EXUD’ (que quer dizer “povo traidor”), e, enxotado, foi condenado a habitar as profundezas da terra, tornando-se esse seu reinado.

Aos demais anjos maus que acompanharam seus chefes na revolta contra Deus, foi-lhes dada, por imposição, a situação de permanecerem sob as ordens do

próprio Lúcifer, sendo-lhes apontado como habitação o lado oposto do Eden (Paraíso Terrestre), situado no Oriente — ilha de Ceylão — permanecendo como espírito em estado embrionário de formação.

Entretanto, a designação de EXUD foi sofrendo modificações e já no original Palli bem como no original Hebraico, passou a denominar-se EXUS, com a significação de “Povos”... Com o aparecimento de Adão e Eva, querendo estes conhecer justamente o outro lado do Eden, cuja proibição lhes havia sido imposta pelo criador, foi que se originou o “PECA-DO ORIGINAL”, pois, ao travarem conhecimento com o mundo dos Exus, foram por eles iniciados na maldade e, a seguir, sentindo-se envergonhados de sua nudez, procuraram cobrir seus corpos.

Expulsos como foram do Paraíso, ficaram Adão e Eva, bem como todos os seus descendentes, à mercê dos Exus, e daí surgiram na face da terra todos os males que atualmente nos afligem”...

Procurou-se reproduzir boa parte do pensamento do autor para se ter uma idéia de como os próprios umbandistas se encontram impregnados de idéias contraditórias e sobretudo usadas como instrumentos para depreciar os princípios religiosos da Umbanda, acusada muitas vezes de praticar a Demonolatria, conforme já se assinalou.

A. Mucci, apoiando-se em Bastide, Nina Rodrigues e Arthur Ramos, afirma: nume tutelar das entradas, tem-se dito das aberturas e, por extensão, também das entradas e encruzilhadas, dos rios, enquanto vias de comunicação que levam a algum lugar, e dos cemitérios “entrada para uma outra vida”. Também em relação ao corpo humano, EXU é o senhor das “entradas”, dos “orifícios”. A anatomia mística atribui a ele a proteção (e as doenças) da boca, do ouvido e de todos os órgãos que “têm abertura para com o exterior” (9: 62).

Exu está ligado ao reino do fogo e ao elemento terra, presidindo acontecimentos tristes e dramáticos da vida, assumindo às vezes o aspecto de “nume tutelar”, espécie de anjo da guarda (cada médium tem o seu Exu). Costumam alguns Babalaôs modelar um Exu em argila e ungi-lo com azeite de dendê para que o adepto o enterre na porta de sua residência, aí permanecendo até sua morte, quando então deverá ser destruído. Segundo a crença religiosa, ele não permitirá a entrada de pessoas que estiverem mal-intencionadas com relação ao dono-da-casa.

Ao lado do templo, em uma casinha especialmente consagrada, está a “tronqueira” do Terreiro, local onde se encontra o Exu ou Exus protetores do Babalorixá e do templo propriamente dito, modelados em barro com azeite de dendê, com conchas marinhas, servindo de boca e olhos. Em alguns templos usa-se o sangue de animais sacrificados ritualmente para banhar essas “imagens” ao lado das quais geralmente são encontradas velas acesas e taças com bebidas. Essas velas podem ser das seguintes cores: brancas (para purificação); vermelhas (para defesa); pretas (para ataque), enquanto que as bebidas variam de acordo com a predileção de cada Exu.

Neste caso, Exu é o “genius” ou o “nume loci”, ou seja, o guardião e defensor do templo. Finalmente, o Exu é ainda uma espécie de “nume viário” por ser o dono das estradas, entradas, caminhos e encruzilhadas. Assim, o Exu apresenta-se em triplice aspecto: “nume tutelar”, “nume loci” e “nume viário”, o que garante o seu prestígio e conseqüentemente seu culto. Com relação à entidade feminina, a Pomba-Gira, cumpre destacar que seu culto está intimamente ligado à prostituição e ao homossexualismo, pois segundo a tradição religiosa vigente, quando esta entidade “encosta” numa mulher pode torná-la sexualmente insaciável e, em elemento do sexo masculino, torná-lo ho-

mossexual, porque ela é uma entidade tipicamente feminina. Originariamente, Oxum, uma das esposas de Xangô, era a protetora das prostitutas, porém, na medida em que foi se acentuando o sincretismo com o Catolicismo e este Orixá passou a ser encarado como uma das “madas”, perdeu suas características anteriores que se transferiram integralmente para a Pomba-Gira, a ponto de se considerar que ela tanto pode conceder a virilidade como pode tornar impotentes aqueles que ousam desafiá-la. Ao que tudo indica, tais atributos devem ser recentes e transmitidos por extensão, porque quem tinha o “privilégio” de conceder virilidade ou ocasionalmente impotência era Exu (macho), dono de todas as entradas e saídas do corpo humano (inclusive as vias sexuais).

Se o Exu (masculino) identifica o negro com a liberdade e lhe dá o estereótipo de “mau” (identificação com o quilombola), Pomba-Gira (feminino) confere à mulher liberdade no nível do sagrado, compensando suas frustrações, principalmente as de natureza sexual. Assim, durante o transe mediúnico, com a abolição da censura (em psicanálise dir-se-ia a anulação do super-ego), a mulher torna-se fêmea desrecalcada e participa ativamente do jogo amoroso.

Isso tem propiciado uma espécie de poligamia anacrônica, pois muitas Babalorixás têm tido uma sucessão de “companheiros”, em grande número, sendo a maioria bem mais jovens do que elas. É evidente que a situação aparece escamoteada no nível do real, uma vez que é sempre uma “entidade” que determina a “união” ou “desunião” para a Babalorixá. É bem verdade que existem casos inversos, de Babalorixás masculinos terem tido várias mulheres, porém, seu número é bem menor do que os do primeiro caso talvez porque é muito maior o número de mulheres que atingem o posto de Babalorixá. Há que se salientar ainda o apareci-

mento de relações sexuais eventuais, ou melhor dizendo, ocasionais, em que o Exu determina ou ordena relações entre o médium e o consulente (se houver aquiescência deste).

Alguns autores constataram em estudos sobre o Candomblé a ocorrência de concubinato (2: 313, 315), templos onde várias mulheres viviam maritalmente com um Babalaô, o mesmo ocorrendo nos Xangô de Recife.

É preciso frisar ainda que muitas dessas uniões seguem regras exogâmicas com relação a filiação de Orixá, isto é, um filho de Xangô não pode se unir ou manter relações sexuais com uma filha de Orixá, porque isto é considerado como uma relação incestuosa (ambos são filhos do mesmo pai, Xangô). Se, porém, um filho deste Orixá une-se com uma filha de Iansã ou Oxum, por exemplo, ambos os eventos são favoráveis do ponto de vista religioso, porque ambas as entidades foram esposas de Xangô.

Uma entidade muito controversa é Omolu, para uns Orixá da Peste (mais especificamente da Variola), para outros o “dono e senhor” do Cemitério, portanto um Exu.

Sobre esse Orixá ou Exu, os mitos, ao que tudo indica, caíram no esquecimento devido ao sincretismo religioso, mesmo antes da entrada dos escravos no Brasil, devido ao que Waldemar Valente chama de Sincretismo Intertribal. Assim, ao adentrar o Brasil, Omolu dos Toruba já apresentava sincretismo com Sagbata dos Daomês, com Xapanã e Abaluaiê. Parece evidente que tal sincretismo unido posteriormente ao Catolicismo favoreceu a confusão ou duplo aspecto com relação a esta “entidade”. Assim, por exemplo, na Bahia ele pode ser São Benedito, São Roque ou São Lázaro; no Recife é São Sebastião; em Porto Alegre é o Senhor do Bom Fim; no Rio de Janeiro é o Santíssimo Sacramento ou São Lázaro; no Pará é São Sebastião, o mesmo acontecendo no



Maranhão (2: 364-365), no Estado de São Paulo é comumente sincretizado com São Lázaro, São Roque, em alguns templos com São Bento e com grande predominância aparece como a própria figura da morte, talvez por analogia com seu ponto riscado, onde se destaca o alfange.

Um dos poucos mitos remanescentes sobre este Orixá ou Exu afirma que após seu nascimento foi abandonado pelos pais por ser coxo (no transe mediúnico ele se manifesta como um velho claudicante) e os Orixás compadecidos concederam-lhe o poder de curar a variola. Tem-se notícias de que em Alagoas e outras regiões do Nordeste ele ainda conserva certas características pirolátricas, pois benze os adeptos com dois tições (1:48). Estes elementos parecem identificar muito este Orixá com Hefestos ou Hefaístos da mitologia grega, dada as verossimilhanças entre ambos.

Omolu parece trazer em si uma grande antítese pois, segundo a tradição religiosa, ele espalha a variola e outras doenças da pele, mas ao mesmo tempo é capaz de curá-las. No caso da terapia pirolátrica, pode-se pensar que no passado, devido ao grande contágio e falta de profilaxia, saneamento básico e hábitos de higiene, os surtos variólicos atingiam proporções epidêmicas catastróficas. Para evitar maior contágio o corpo das vítimas muito provavelmente era cremado e o ritual pirótico talvez revele esse evento (cremação de corpos extinguindo o perigo imediato de contágio). A antítese da entidade, porém, não se detém nisso, pois segundo a crença reli-

giosa deve-se solicitar os favores dessa entidade ao contrário, isto é, quando se deseja saúde pede-se doença e assim por diante, por outro lado ainda, no Sul e Sudeste do Brasil ele é uma entidade tipicamente feminina ou assexuada.

Quando “baixa” nos Terreiros de Umbanda costuma dançar de maneira claudicante, executando um bailado grotesco ou, então, o que é também bastante comum, deita-se sobre uma esteira e aí permanece enquanto “incorporado” no médium. Cobre também o rosto com um capuz ou máscara de palhas (até os ombros) para ocultar o rosto tomado pelas cicatrizes da variola. Nas sessões de Quimbanda é comum a colocação de um pedaço de carne especialmente destinado a Omolu para que, enciumado ou irado, não estrague a carne dos Exus, pois, segundo crença generalizada, quando toca a carne esta apodrece instantaneamente, exalando mau cheiro.

Os Nagô tinham um Orixá da morte, Kow porém, as epidemias de variola, frequentes no período colonial, provocaram tantas mortandades que, provavelmente, foi se transferindo tal atribuição para o Orixá da Peste (variola), que assim passou também a simbolizar a morte. Omolu parece, portanto, sintetizar a idéia de relatividade que permeia as religiões afro-brasileiras, de que bem e mal não são realidades distintas, mas interligadas, descharacterizando, portanto, o princípio maniqueísta da dicotomia entre bem e mal (Deus e Diabo ou Céu e Inferno para os Católicos).

---

DELGADO SOBRINHO, A.T. — “Umbanda” mythology. *Perspectivas*, São Paulo, 8:201-210, 1985.

*ABSTRACT: Review and systematization of the rich “umbandista” mythology, found all over the country, in books and oral tradition, searching elements for its interpretation.*

*KEY-WORDS: “Umbanda”; “quimbanda”; “exu”; “orixá”; monotheism, death, smallpox; God; devil.*

---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, A.M. de — *Folclore nacional*. 2.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 3v.
2. BASTIDE, R. — *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, Pioneira, 1971. 2v.
3. BASTIDE, R. — *Sociologia do folclore brasileiro*. São Paulo, Ed. Anambi, 1959.
4. DELGADO SOBRINHO, A.T. — *Práticas religiosas nos terreiros de umbanda de Araraquara*. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política, 1973. (Tese-Mestrado).
5. FONTENELLE, A. — *Exu*. Rio de Janeiro, Ed. Espiritualista, 1972.
6. JAHN, J. — *Muntu: las culturas neoafricanas*. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, 1963.
7. KLOPPENBURG, B. de — *A umbanda no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1961.
8. LAPASSADE, G. & LUZ, M.A. — *O segredo da macumba*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
9. MUCCI, A. — *Acauã*. São Paulo, Cultrix, 1972.
10. RIBEIRO, J. — *Brasil no folclore*. Rio de Janeiro, Ed. Aurora, 1970.